

# "A REVOLUÇÃO TRIUNFARÁ?"

( CENAS DA LUTA DE CLASSES EM PORTUGAL )

UM FILME DE ROBERT KRAMER

DECLARAÇÕES DE ROBERT KRAMER

"Os nossos filmes são colectivos. Parece-me que a atitude que temos relativamente ao fazer filmes depende inteiramente do sítio em que vive mos e do estado de desenvolvimento das forças políticas que nos rodeiam. Eu aprendi um pouco a fazer filmes quando trabalhava nos subúrbios negros como organizador, em 1965, conjuntamente com os estudantes que iam lá viver tentando perceber os problemas e simultaneamente ajudar a construir o movimento dos negros. Uns amigos vieram fazer um filme tipo "cinéma-verité" acerca dessa comunidade, que não era um julgamento dessa actividade política específica mas um guia, um filme novo, para que outras pessoas pudessem utilizá-lo, compreendê-lo de muitos pontos de vista, enquanto parte de uma estratégia para uma mudança política nos E.U.. Isto é muito diferente de chegar com uma ideologia pré-fabricada e cobrir todo aquele trabalho, julgá-lo. O filme diz: estas coisas são boas, aquelas são más, mas têm em conta a vida das pessoas, para os agitadores (Troublemakers). Foi esta a introdução que tive ao cinema, a minha iniciação. Aprendi que um filme é uma faca como numa operação cirúrgica. Aprendi como é que as peças funcionam quando se juntam, aprendi a ter uma espécie de olhar-perspectiva. Na nossa situação política, nós, os Newsreel, não tínhamos uma posição ideológica definida, pretendíamos fazer filmes em que acreditássemos politicamente mas que não fossem sectários, de modo a poderem ser utilizados por uma larga camada de pessoas. Por causa da nossa fraqueza política éramos e somos constantemente forçados a procurar uma larga base de unidade. A procurar o que é "forte", o que chama a atenção das pessoas. Por exemplo no filme que vimos esta manhã sobre a movimentação nos E.U. contra a guerra no Vietname, há muitas ideias políticas com que eu não concordo: sobretudo a ideia de que uma grande manifestação poria de algum modo fim à guerra. Nessa altura as pessoas que faziam o filme também não acreditavam nisso completamente, mas era importante que esse argumento existisse. Falando de Milestones, não concordo também com tudo o que lá se passa. Para ser possível fazer o filme, era preciso que os outros vissem também cumprida a sua vontade, assim como a de todas as pessoas com quem trabalhamos ou que conosco trabalharam. Se eu estivesse numa situação política diferente, creio que seria diferente, ou por outras palavras, se houvesse um grupo político com um pro-

ferente, ou por outras palavras, se houvesse um grupo político com um programa claro, creio que seria correcto para um realizador fazer propaganda dessas ideias, mas não é essa a minha situação nos E.U. nem estou certo de que vocês estejam nessa situação em Portugal. Com Newsreel tentámos fazer sempre filmes que tivessem dois objectivos: desencadear o debate entre pessoas politizadas acerca de qual seria a linha de acção mais correcta e alertar a consciência do maior número de pessoas possível para as tarefas a executar. Conseguimos assim mantermo-nos afastados do sectarismo e estar sempre ligados à realidade, à prática. Creio que isso me deu uma oportunidade de pensar de um outro modo sobre os filmes de ficção. Todas as pessoas do nosso grupo queriam fazer filmes documentários que fossem "sentidos" como filmes de ficção. Por exemplo, Verão 68 tem o "toque" de um filme de ficção: tem características de drama, move-se, tem já alguma energia que quisemos mostrar em Milestones. Eu era o único que queria fazer filmes de ficção que funcionassem como documentários. São dois lados de um mesmo trabalho: ser capaz de reter a relação com a realidade empírica, isto é, a prática (o que é a prática?) e talvez depois sermos capazes de figurar o que pensamos acerca das coisas. Nos E.U. algumas pessoas acreditam agora que na dialéctica entre prática e teoria é a teoria que lidera, que de momento é de teoria que precisamos mais. Provavelmente é verdade, antes éramos muito pragmáticos. Na década de 60 era a prática que nos interessava, o mais importante era penetrar no que estava a aparecer."

in revista "M" nº 2/3, de Fev. de 1977.

#### ENTREVISTA COM PHIL SPINELLI

P.U.-Porque é que decidiste fazer um filme sobre Portugal?

"Portugal é o primeiro país industrialmente avançado com um verdadeiro processo revolucionário-- é um marco importante na história! Todos os outros países industrializados (como os E.U.) têm muito que aprender dos avanços e erros daqui. Igualmente importante é o apoio que os revolucionários de outros países têm de dar aos trabalhadores portugueses que travam uma batalha crucial na nossa luta comum--a luta contra o imperialismo. Esperamos que este filme possa organizar esse apoio internacional.

...e agora que os E.U. e outros países imperialistas foram varridos da Indochina, de África, e têm fracas possibilidades de se manter na América do Sul.

O último bastião do imperialismo é aqui na Europa. A possibilidade de aparecimento de um país socialista exactamente aqui no continente (especialmente com a situação em Espanha e Itália) apavorou Jimmy Carter e seus lacaios de surpresa.

P.U.-Os monstros agora na espreita estarão assustados?

"Não suficientemente assustados para se sentarem e esperar--milhões e milhões de dólares entraram em Portugal para ajudar as forças da reacção: subsídios a organizações, dinheiro para os partidos de direita, armas, dinheiro e planos para fortificar o exército, dinheiro para as forças da NATO aqui instaladas.

P.U.-Preparando-se para a luta?

"Certamente que é uma luta, não é? Uma luta de classes.

...há muitas pessoas que pensam que a luta pode ser evitada. A pequena burguesia, intelectuais--a classe média que beneficia da produção da classe trabalhadora--esperam proteger os seus privilégios através do apoio à social democracia.

...mas a social democracia, como qualquer outra forma de capitalismo, significa a perda do controle dos meios de produção por parte dos trabalhadores--o seu próprio trabalho é, mais uma vez, explorado pela burguesia. Acredito que aqui a classe trabalhadora não pode evitar a confrontação com a burguesia--o imperialismo.

p.U.-Qual tem sido a reacção do público ao filme?

"A reacção dos trabalhadores tem sido excelente. Eles veem o filme (com todos os seus erros) como uma análise que merece discussão--é um filme verdadeiramente polémico que exige debate.

...depois das projecções, tem havido debates extremamente quentes à volta da análise do filme e das imagens da luta. A cada projecção vêm mais pedidos para o filme ser passado em fábricas, comissões de moradores, etc.

P.U.-Então o filme tem sido um êxito tal como tu esperavas que fosse?

"Bem, primeiro é um documento da história dos trabalhadores portugueses, por isso é realmente o filme deles, não o nosso; segundo, os debates têm sido bem sucedidos, o filme é apenas um veículo.

...parece bastante claro que Portugal será o primeiro país socialista industrializado.